ARTE URBANA, PANMELA CASTRO E QUESTÕES DE RACISMO: DA PESQUISA ARTÍSTICA À MOSTRA DE TRABALHOS

Ester Elizabete Diniz[1]
Marzani Spoher Hermes Antoniolli[2]
Hemanueli Freitas Oliveira[3]
Isabele Gonçalves[4]
Minerva Yuruby Castillo Hernandez[5]
Vitoria Franco Follmann[6]

Instituição: Escola Estadual de Ensino Médio São Geraldo, Ijuí, RS
Modalidade: Relato de experiência
Eixo temático: Linguagens e suas Tecnologias

1. Introdução

Este relato de experiência apresenta uma proposta desenvolvida nas aulas de Arte a partir da pesquisa sobre a artista brasileira Panmela Castro, conhecida também pelo nome artístico Anarkia Boladona. A atividade foi organizada para aproximar os estudantes da arte urbana como linguagem de expressão, denúncia e participação social, tendo como foco a problematização do racismo e de suas relações com gênero, identidade, representatividade e desigualdade.

Panmela Castro nasceu em 1981, no Rio de Janeiro, formou-se em pintura pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e construiu uma produção que ocupa o espaço público com grafite, cores, imagens de mulheres e mensagens de enfrentamento à violência e à discriminação [1]. Em sua atuação com a Rede Nami – Rede Feminista de Arte Urbana, o grafite é utilizado como instrumento de debate e formação, contribuindo para que meninas e mulheres reflitam sobre racismo, sexismo, violência de gênero e direitos [2].

A escolha da artista possibilita compreender que o racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas também na invisibilização de corpos negros, na desigualdade de oportunidades, na violência e na disputa por presença e representação nos espaços sociais. A obra de Panmela Castro oferece, portanto, uma referência para que os estudantes observem

[1] Doutoranda PPGEC- UNIJUI. Bolsista CAPES. Coordenadora Pedagógica da EEEM São Geraldo, Ijuí/RS.
[2] Professora de Artes da rede Estadual de ensino de Ijuí/RS.
[3] Estudante da 2ª série do Ensino Médio da EE Ensino Médio São Geraldo, Ijuí/RS.
[4] Estudante da 2ª série do Ensino Médio da EE Ensino Médio São Geraldo, Ijuí/RS.
[5] Estudante da 2ª série do Ensino Médio da EE Ensino Médio São Geraldo, Ijuí/RS.
[6] Estudante da 2ª série do Ensino Médio da EE Ensino Médio São Geraldo, Ijuí/RS.

como cores, rostos, palavras, corpos, muros e espaços urbanos podem produzir visibilidade, questionamento e diálogo.

O objetivo geral foi investigar como a produção de Panmela Castro utiliza a arte urbana para discutir racismo e outras formas de opressão, desenvolvendo a capacidade dos estudantes de pesquisar, interpretar e elaborar uma releitura tridimensional autoral. Como objetivos específicos, buscou-se reconhecer elementos visuais e simbólicos presentes nas obras; relacionar arte, contexto social e representatividade; refletir sobre manifestações do racismo no cotidiano; planejar e construir uma escultura ou objeto-arte; comunicar as escolhas realizadas; e participar de uma mostra de trabalhos com apreciação, entrevista e diálogo.

A proposta justifica-se pela compreensão da Arte como campo de conhecimento, expressão e participação social. A releitura não foi compreendida como cópia, mas como interpretação e transformação, permitindo que os estudantes elaborassem respostas próprias a partir de uma referência. Essa perspectiva articula fazer artístico, leitura da produção e contextualização, conforme a abordagem triangular do ensino de Arte [3], e dialoga com a competência da Base Nacional Comum Curricular que valoriza diferentes manifestações artísticas e culturais [4].

2. Procedimentos metodológicos

A experiência foi organizada em etapas progressivas. Inicialmente, os estudantes conheceram dados biográficos e aspectos da trajetória de Panmela Castro, observaram imagens de seus grafites e discutiram a relação entre arte urbana, espaço público e transformação social. A pesquisa orientada abordou os materiais utilizados, a presença de figuras humanas, a escolha das cores, a utilização de frases e símbolos e os temas recorrentes relacionados à identidade, ao racismo, ao sexismo e à violência.

Em rodas de conversa, a turma foi convidada a refletir sobre as seguintes questões: quem aparece nas imagens e quem costuma ser invisibilizado? Como a arte pode enfrentar preconceitos? De que maneira uma parede, um cartaz ou uma escultura pode comunicar uma denúncia? O debate valorizou a escuta e procurou evitar generalizações, relacionando as imagens pesquisadas às experiências sociais sem expor situações pessoais dos estudantes.

Na etapa seguinte, cada estudante ou grupo escolheu uma imagem, ideia ou procedimento visual relacionado à produção de Panmela Castro como referência para uma releitura. A orientação foi manter uma relação reconhecível com a pesquisa, mas desenvolver escolhas autorais de composição, escala, textura, cor, materiais e mensagem. As produções foram realizadas em forma de escultura ou objeto-arte, utilizando materiais acessíveis e, sempre que possível, reutilizados. Durante a construção, foram feitos registros do processo e intervenções pedagógicas para auxiliar no planejamento, na resolução de dificuldades técnicas e na explicitação da intenção da obra.

Depois de concluídas as produções, realizou-se um ensaio em sala. Cada estudante ou grupo apresentou o título da obra, a referência estudada, a questão do racismo mobilizada, os

materiais empregados, as mudanças feitas em relação à referência e o sentido pretendido. O ensaio contribuiu para ampliar a segurança, organizar a fala e preparar respostas para perguntas dos visitantes.

Na Mostra de Trabalhos, realizada em 26 de agosto, foram convidados estudantes do 8º e do 9º ano do Ensino Fundamental e das primeiras séries do Ensino Médio. Os visitantes receberam a orientação de entrevistar três expositores, utilizando perguntas previamente combinadas. A conversa deveria contemplar a artista pesquisada, a relação entre a obra de Panmela Castro e a releitura, a questão do racismo abordada, os materiais utilizados, as dificuldades encontradas e as aprendizagens construídas.

A coleta de informações ocorreu por meio da observação das obras, das apresentações, das entrevistas e dos registros produzidos ao longo da atividade. A avaliação foi processual, considerando a qualidade da pesquisa, a participação nas discussões, o envolvimento na criação, a capacidade de relacionar arte e racismo, a autoria da releitura, a colaboração, a organização da apresentação e a escuta durante o diálogo com o público. O percurso integrou a atividade dos Estudos de Aprendizagem Contínua (EAC).

3. Resultados e discussões

A concentração do trabalho em uma única artista favoreceu uma investigação mais aprofundada e coerente. Em vez de apenas comparar referências diferentes, os estudantes puderam acompanhar como Panmela Castro articula linguagem urbana, experiências de mulheres, representatividade e crítica social. A pesquisa ampliou a compreensão de que o grafite pode ser simultaneamente produção estética, ocupação do espaço público e forma de intervenção diante de desigualdades.

As discussões sobre racismo contribuíram para deslocar o tema de uma abordagem abstrata para a análise de imagens, presenças e ausências. Os estudantes observaram que a representação de pessoas negras, a valorização de suas histórias e a ocupação simbólica da cidade são dimensões importantes da luta contra a invisibilidade. Também perceberam que uma releitura pode questionar preconceitos sem reproduzir imagens ofensivas, desde que o processo seja acompanhado por pesquisa, responsabilidade e reflexão crítica.

A passagem da referência visual para a forma tridimensional exigiu planejamento, negociação e tomada de decisões. Os grupos precisaram pensar em sustentação, volume, equilíbrio, acabamento, escala e legibilidade da mensagem. A criação demonstrou que a autoria não depende de abandonar a referência, mas de transformá-la conscientemente, explicando por que determinados elementos foram mantidos, substituídos ou ressignificados.

O ensaio e a mostra fortaleceram a dimensão comunicativa da aprendizagem. Ao responder às perguntas dos visitantes, os expositores retomaram a trajetória de Panmela Castro, justificaram suas escolhas e refletiram sobre a presença do racismo na sociedade. Os visitantes, por sua vez, assumiram uma postura ativa de apreciação, transformando a exposição em espaço

de investigação e diálogo. A avaliação do EAC permitiu reconhecer tanto o produto final quanto o percurso de pesquisa, debate, criação e comunicação.

4. Conclusão

A proposta centrada em Panmela Castro demonstrou potencial para integrar ensino de Arte, educação para as relações étnico-raciais, criação autoral e comunicação pública. A artista ofereceu uma referência consistente para compreender o grafite como linguagem que disputa visibilidade, questiona o racismo e amplia a presença de mulheres e pessoas negras no espaço urbano.

Conclui-se que a pesquisa, a releitura em escultura ou objeto-arte, o ensaio e a Mostra de Trabalhos contribuíram para o desenvolvimento do repertório cultural, da capacidade de argumentação, da sensibilidade diante das desigualdades e da confiança dos estudantes para apresentar suas produções. Ao retirar a dispersão causada por múltiplas referências e aprofundar uma única trajetória artística, o projeto tornou mais claro o vínculo entre forma, contexto e problema social, reafirmando a Arte como possibilidade de reflexão e transformação.

5. Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte**: anos iniciais e ciclos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. ***Base Nacional Comum Curricular*.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 ago. 2026.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. ***Anarkia Boladona grafita o feminismo***. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/a-arte-engajada-de-anarkia-boladona>. Acesso em: 31 ago. 2026.

THOMAS, Tess. **Rainha do grafite brasileiro marca uma nova geração com esperança**. Assembly/Malala Fund, 11 jul. 2018. Disponível em: <https://assembly.malala.org/stories/2018/7/11/rainha-do-grafite-brasileiro-marca-uma-nova-gerao-com-esperana>. Acesso em: 31 ago. 2026.

PRÊMIO PIPA. Panmela Castro. **Prêmio PIPA**, 2025. Disponível em: https://www.premiopipa.com/panmela-castro/ . Ace

TOLIPAN, Heloisa. Na quarentena, Panmela Castro cria “Penumbra”, **série de fotos sobre racismo**. Heloisa Tolipan, 2020. Disponível em: https://heloisatolipan.com.br/arte/na-quarentena-panmela-castro-cria-penumbra-serie-de-fotos-sobre-racismo/. Acesso em: 31 ago. 2026.